

Olhares juvenis sobre uma experimentação do Ensino Híbrido

Mariana da Silva Neta¹
Universidade Estadual do Tocantins
Palmas-TO

Resumo: Neste texto, apresentamos uma reflexão acerca da experimentação do Ensino Híbrido por jovens estudantes do ensino médio. O estudo tem início com os diferentes perfis das juventudes do ensino médio e a necessidade de inovações metodológicas na perspectiva da personalização do ensino. Em seguida, apresentamos pontos importantes e conceitos de Ensino Híbrido, enfatizando o modelo sustentado de rotação, destacando os quatro submodelos e a sua aplicabilidade e adaptabilidade. Depois, a discussão deu-se sobre uma situação hipotética de duas salas de aula e os olhares estudantis perante uma experimentação do Ensino Híbrido. E finalmente, refletimos sobre o contexto da pesquisa em 2017 e o cenário atual com estudos remotos em virtude da pandemia do novo Coronavírus.

Palavras-chave: Ensino Híbrido. Experimentação. Juventudes.

Youth views on a blended learning experimentation

Abstract: In this text, we present a reflection about the experimentation of Blended Learning by young high school students. The study begins with the different profiles of high school youth and the need for methodological innovations in the perspective of the personalization of teaching. Next, we present important points and concepts of Blended Learning, emphasizing the sustained model of rotation, highlighting the four sub-models and their applicability and adaptability. Then, the discussion was about a hypothetical situation of two classrooms and the student's eyes before an experimentation of Blended Learning. And finally, we reflected on the context of the research in 2017 and the current scenario with remote studies due to the new coronavirus pandemic.

Keywords: Blended Learning. Experimentation. Youth.

1. INTRODUÇÃO

No atual contexto, muito tem se debatido sobre a necessidade de estabelecer modificações relevantes no ensino médio. Em diferentes sociedades, com múltiplas trajetórias históricas, formam-se novas juventudes – diversas e plurais – desafiando os modelos tradicionais de ensino, as práticas pedagógicas convencionais e até mesmo a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam em arquiteturas curriculares limitadas.

Este cenário educacional permite múltiplas interpretações tanto no processo de ensino, quanto no perfil do jovem que inicia o ensino médio, bem como exige uma análise das diferentes estratégias e metodologias adotadas pelos docentes nas unidades escolares.

Possivelmente, um dos fatores mais relevantes nas discussões acerca da educação contemporânea, refere-se ao conjunto de saberes que são praticados e ensinados nas unidades es-

¹ Universidade Estadual do Tocantins - Câmpus Palmas. E-mail: marianasneta@gmail.com

colares, bem como suas implicações no ato de ensiná-los. Afinal, temos atualmente estudantes bem jovens adentrando ao ensino médio, outros com mais maturidade, no entanto, cada um possui suas experiências de vida que devem ser consideradas no processo educacional.

Dessa forma, cabe ao profissional que atuará com esses estudantes, ir além dos conhecimentos cognitivos da sua área de formação, pois no atual contexto não cabe mais o professor conteudista, com foco apenas em “repassar” o conteúdo e se considerando o centro do processo educacional. As reflexões sobre este cenário precisam conduzir a ações propositivas que possibilitem aos estudantes o protagonismo em sua vida acadêmica.

2. AS JUVENTUDES E O ENSINO MÉDIO

O ensino médio, etapa final da educação básica e requisito para estudos mais avançados, possui aspectos extremamente relevantes, considerando que após esse período alguns estudantes irão prestar vestibular ou fazer o Enem a fim de ingressar num curso superior, outros irão para cursos técnicos, que por serem considerados mais rápidos, visam ao mercado de trabalho e existem ainda aqueles que, em virtude de especificidades pessoais, se veem obrigados a encerrarem os estudos.

Os estudantes do ensino médio: adolescentes, jovens ou adultos, apresentam características e vivências diferenciadas e carregam suas histórias de vida, origens, suas virtudes, limitações, frustrações, expectativas de futuro e algumas percepções de mundo. Certamente, alguns com mais maturidade e outros ainda sem saber ao certo o que pretendem no sentido de formação profissional, nem de autoconhecimento. Assim, é importante levar em consideração os aspectos comuns, mas também as singularidades dessa fase, a fim de fortalecer a compreensão e a comunicação com esses estudantes. O Ministério da Educação, por meio da Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018, atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio, que no art. 17, § 9º evidenciam a diversidade de jovens, orientando que

a organização curricular do ensino médio deve oferecer tempos e espaços próprios ou em parcerias com outras organizações para estudos e atividades, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades éticas, sociais e culturais (Art. 17, § 9º, p. 10).

Visando atender a essa diversidade em suas demandas e expectativas, as instituições que ofertam o ensino médio, atentas aos diversos cenários, devem organizar as situações de ensino e aprendizagem de forma que os estudantes exerçam, realmente, um papel de autoria e protagonismo, atuando de forma ativa e criativa. Devem, portanto, oportunizar um processo educativo centrado no estudante como sujeito, integrando todas as dimensões da vida, a fim de possibilitar o seu desenvolvimento em todas as suas potencialidades.

Em virtude desse perfil diversificado de estudantes, como fazer com que eles apreciem e se envolvam com a aula, com os conhecimentos e aprendizados de maneira que não estejam presentes apenas fisicamente? O que poderia interessá-los? Que metodologias utilizar para que a aprendizagem seja significativa? Aqui se apresentam alguns questionamentos que impulsionam às reflexões acerca da relevância da utilização de metodologias adequadas, no entanto, não se pretende encontrar respostas para todas, somente promover momentos de reflexão, sempre pensando no aprendizado dos estudantes.

3. INOVAÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO MÉDIO

3.1 O Ensino híbrido na perspectiva da personalização do ensino

As pesquisas em busca de metodologias atrativas e práticas pedagógicas inovadoras estão presentes na vida de muitos docentes, pois há a necessidade de acompanhar tanto a evolução tecnológica, quanto atender às reais necessidades dos educandos, neste caso especificamente aos estudantes do ensino médio em suas particularidades.

Foi justamente nessa busca por conhecimentos que aconteceu o primeiro contato com o Ensino Híbrido, sendo que os estudos nos direcionaram às concepções lusitanas do *Blended Learning (BL)* em contexto educativo. Nessa pesquisa, foi possível acompanhar a evolução dessa modalidade de ensino² e aprendizagem que, mesmo em meio às suas incertezas conceituais, já se destaca entre os lusitanos.

Ancorado nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), esta combinação de sala de aula tradicional e o ensino on-line, conhecido dos portugueses como *Blended Learning*, possibilita diferentes abordagens pedagógicas, a fim de reconfigurar o processo de ensino e aprendizagem. No *BL*, esses recursos tecnológicos oportunizam o diálogo entre as múltiplas abordagens, pois é concebido como

uma estratégia dinâmica que envolve diferentes abordagens pedagógicas e diferentes espaços (formais e informais). Ou seja, para além da questão da integração dos momentos presenciais e não presenciais, devemos ter em conta também a conjugação de diferentes abordagens de ensino, a interação de diversos recursos tecnológicos e a adoção dos diferentes espaços de vida no processo de ensino-aprendizagem (MONTEIRO; MOREIRA, 2013, p. 30).

Percebe-se, porém, que por ser considerado bastante complexo pelos pesquisadores portugueses, há a recomendação da valorização da convivência social e dos vínculos pessoais, atribuindo assim, maior utilização do *BL* no ensino superior, o que aqui no Brasil se equivale à

² Neste caso utilizamos modalidade de ensino em virtude de referir-se ao conceito lusitano, por se aproximar da modalidade de ensino Educação a Distância.

modalidade de Educação a Distância (EaD), ou semipresencial, centrado nos estudantes, com acesso à plataforma virtual de aprendizagem. No entanto, como recomendam Monteiro e Barros (2013), os “programas centrados nos estudantes devem ser concebidos de tal forma que os estudantes desenvolvam um conjunto de competências consideradas úteis e necessárias para a área acadêmica e/ou profissional” (2013, p. 158).

Assim, partindo da experiência lusitana, destaca-se a importância de humanizar o processo de ensino, enfatizando também a necessidade de utilizar as novas tecnologias digitais como facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem, afinal não cabe mais o ensino de um para muitos, logo, precisamos oportunizar aos estudantes o controle sobre o ritmo e o tempo de aprendizado, pois, por meio de diferentes estratégias, é possível personalizar o ensino. Como afirma Moran, a personalização do ensino na concepção híbrida depende de alguns fatores, considerando-se que

híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços (MORAN, 2015, p. 22).

Sabe-se que os jovens estudantes do ensino médio não aprendem todos da mesma maneira, dessa forma, precisamos integrar os aspectos positivos do ensino tradicional ao ensino *on-line*, destacando que este é concebido como a espinha dorsal do Ensino Híbrido. O que há de mais usual pelos jovens? Certamente as TDIC fazem parte do cotidiano desses estudantes, então, por que não inseri-las nesse contexto? Por meio do Ensino Híbrido é possível personalizar o ensino e, principalmente, rever os papéis dos envolvidos no processo educacional, pois o estudante passa a ser visto como protagonista do seu aprendizado e o professor, refletindo sobre a sua prática, conhece novas metodologias e assume o papel de facilitador do processo, mas isso não exclui seu contato, muito menos o seu controle sobre o que está sendo abordado.

O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *on-line*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013).

Dessa forma, todos os envolvidos no processo educacional assumem papéis um pouco diferentes do mais habitual, os discentes têm mais autonomia, precisam se conhecer enquanto estudantes, sabendo quais habilidades já foram desenvolvidas e reconhecendo as suas fragilidades para superá-las em busca da realização do projeto de vida. Os docentes, por consequência, com

inovações metodológicas, um novo olhar para a docência e crença no potencial dos estudantes, assumem o papel de facilitadores e mediadores no processo educacional.

O atual cenário mundial possibilita a vivência de inovações científicas e tecnológicas que se ampliam de forma vertiginosa e não há como impedir essa ascensão, portanto, constata-se que a educação não pode ficar à margem dessa evolução, assim, buscam-se as inovações. Vemos a realidade sendo modificada com o surgimento de elementos que fazem despontar um novo olhar para o momento presente. E, na perspectiva do Ensino Híbrido, agora então, com as restrições e necessidade de isolamento social, em virtude da pandemia, torna-se mais urgente o seu entendimento e funcionamento. Dessa forma, retomam-se os conceitos e origens do *Blended Learning*, na visão lusitana, ou Ensino Híbrido (BL) para os norte-americanos.

Partindo de referenciais consolidados por meio do *Clayton Christensen Institute*³, instituição sem fins lucrativos que aposta em pesquisas visando “melhorar o mundo por meio da inovação disruptiva” e “descobrir ideias inovadoras dando aos inovadores uma nova lente - e um novo léxico - através dos quais se podem ver o mundo” (tradução nossa) (2020), reconhece-se o Ensino Híbrido em duas concepções, sendo o “modelo sustentado”, quando “as mudanças ocorrem de forma gradativa, com integração espiralada e aperfeiçoamento dos processos já existentes” e o modelo disruptivo, “que, em vez de sustentar, rompe e propõe novos processos com uma integração verticalizada” (CANNATÁ, 2015, p. 134).

Diante dessas duas concepções, cabe a cada instituição educacional escolher o caminho que pretende seguir, pois para implementar o modelo disruptivo faz-se necessário romper com a convencionalidade do ensino tradicional e, em longo prazo, após as adaptações necessárias, pode-se conquistar principalmente, estudantes do ensino médio desejosos por escolas que lhes oportunizem a autonomia, a criticidade e o protagonismo do seu aprendizado. Dentro desse conceito, percebe-se que atualmente seria o ideal, mas, será se estamos preparados para romper com o formato de educação tradicional com muitos anos de consolidação? Afinal, Horn (2015), p. 64 destaca que “se os alunos estão aprendendo em um contexto híbrido, e você não consegue imaginar onde é a frente da sala de aula, então ele provavelmente é um modelo disruptivo”.

Considerando que “nossa formação docente foi pautada por uma causalidade linear, do tipo causa e efeito, por uma linearidade docente do tipo estímulo e resposta, por processos do tipo início, meio e fim” (MORAES, 2010, p. 185), bem como, em virtude de estudos realizados por instituições nacionais como o Instituto Península⁴ e a Fundação Lemann⁵, que já desenvolvem pesquisas nesta área, optou-se pelos modelos sustentados de Ensino Híbrido, que se

3 <https://www.christenseninstitute.org/> instituição que introduziu a pesquisa sobre o Ensino Híbrido nos Estados Unidos, cujo fundador Clayton Christensen faleceu em 2020.

4 <http://www.institutopeninsula.org.br/> instituição que criou o grupo de experimentações sobre o Ensino Híbrido no Brasil, em parceria com a Fundação Lemann.

5 <http://www.fundacaolemann.org.br/> instituição que criou o grupo de experimentações sobre o Ensino Híbrido no Brasil, em parceria com o Instituto Península.

aproximam do modelo atual de educação, mas que possibilitam a personalização do ensino, ao considerar que

a aprendizagem é adaptada às necessidades particulares de um determinado estudante. O poder do ensino personalizado, entendido dessa forma, é intuitivo. Quando os estudantes recebem ajuda individual de um professor, em vez de ensino em massa para um grupo, os resultados são geralmente muito superiores. Isso faz sentido, visto que, nessa situação, os professores podem fazer de tudo, desde ajustar seu ritmo, se estiverem indo muito rápido ou muito devagar, a reformular uma explicação ou fornecer um novo exemplo ou uma nova abordagem para fazer um tópico ganhar vida para um estudante (HORN, 2015, p. 25).

Nessa concepção de personalização do ensino, destacam-se os modelos sustentados de Ensino Híbrido, que “serão os mais indicados, pois possibilitarão uma transição sem grandes abalos” (SILVA e CAMARGO, 2015, p. 148). Nessa mesma vertente, o *Clayton Christensen Institute*, o Instituto Península e a Fundação Lemann apresentam o modelo de Rotação, que engloba quatro submodelos de Ensino Híbrido, a saber:

- o modelo de **Rotação por Estações** - ou o que alguns chamam de Rotação de Turmas ou Rotação em Classe - é aquele no qual os alunos revezam dentro do ambiente de uma sala de aula.
- o modelo de **Laboratório Rotacional** é aquele no qual a rotação ocorre entre a sala de aula e um laboratório de aprendizado para o ensino on-line.
- o modelo de **Sala de Aula Invertida** é aquele no qual a rotação ocorre entre a prática supervisionada presencial pelo professor (ou trabalhos) na escola e a residência ou outra localidade fora da escola para aplicação do conteúdo e lições on-line.
- o modelo de **Rotação Individual** difere dos outros modelos de Rotação porque, em essência, cada aluno tem um roteiro individualizado e, não necessariamente, participa de todas as estações ou modalidades disponíveis (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 29, grifo nosso)

Dentre os submodelos de rotação, cada um possui formato próprio, mas cabe ao professor conhecer a realidade dos estudantes, verificar o que mais se aproxima da sua prática, adequando-o a fim de atender às reais necessidades dos educandos, contribuindo com o ensino e oportunizando a vivência do processo educacional de forma cada vez mais associada à vida acadêmica, profissional, pública e pessoal. Vale destacar que, com a personalização do ensino, é fundamental a efetivação de situações que demandem a articulação do autoconhecimento, do planejamento das ações, auto-organização, além da autonomia para participar das práticas sociais.

Segundo José Armando Valente, que prefaciou a obra *Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação* (2015), o Ensino Híbrido possibilita aos estudantes: trabalhar com o material no seu ritmo; tornar-se mais autônomo; sinalizar para o professor os temas em que

apresentaram maior dificuldade e aprofundar a sua compreensão acerca do conhecimento construído, sendo possível recuperá-lo, aplicá-lo e, com isso, construir novos conhecimentos.

No entanto, mesmo com todos esses benefícios, o autor ainda destaca a necessidade das atividades em sala de aula, pois incentivam as trocas sociais entre colegas, a colaboração entre estudantes e a interação desses com o professor, como aspectos fundamentais do processo de ensino e aprendizagem.

4. OLHARES ESTUDANTIS SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO DO ENSINO HÍBRIDO

Na perspectiva desta pesquisa, além de investigar para compreender os modelos de EH e sua aplicabilidade e adaptabilidade, objetivou-se analisar a visão de alguns estudantes, frente às novas tecnologias digitais da informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem, as concepções educacionais adotadas nas unidades ensino, bem como compreender o perfil desses jovens, a fim de identificar as metodologias mais adequadas para o ensino médio.

Nesse contexto, vinte e seis estudantes do ensino médio, na faixa etária de 15 a 24 anos foram convidados a participar deste estudo, sendo que esses jovens estavam regularmente matriculados na primeira série do ensino médio em 2017, dos quais dez são do sexo masculino e dezesseis do sexo feminino. É importante lembrar que esses estudantes já cursaram todo o Ensino Fundamental, o que totaliza no mínimo nove anos, dentro de uma estrutura educacional centrada na figura do professor.

Convém mencionar que antes do momento dessa enquete, todos os estudantes já haviam participado de algumas aulas dos Componentes Curriculares da área de Linguagens: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Educação Física e Redação da experimentação do Ensino Híbrido, especificamente vivenciando os modelos de Rotação por Estações, Sala de Aula Invertida e Laboratório Rotacional. Uma experiência como essa possibilita que esses jovens saiam do

papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e torna-se criativo, crítico, pesquisador atuante, para produzir conhecimento. Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para acessar a informação, analisar, refletir e elaborar com autonomia e conhecimento. (BEHRENS, 2000, p. 77).

Isso significa que os estudantes já haviam vivenciado essa nova referência de serem mais proativos e sujeitos no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a dinâmica da pesquisa foi por meio de um questionário impresso em que eles deveriam analisar a seguinte situação hipotética sobre duas salas de aula:

- **Sala 01:** Aula expositiva, com o professor em frente à turma explicando os conteúdos para estudantes silenciosos, sentados em carteiras enfileiradas;
- **Sala 02:** Estudantes organizados em equipes, trabalhando colaborativamente com o uso das novas tecnologias, discutindo e socializando a temática selecionada, sendo que o professor passa nas equipes para auxiliar na solução das dúvidas.

Foi solicitado aos participantes que analisassem as duas hipotéticas salas de aula e se posicionassem, justificando em qual delas mais se identificavam, percebiam que poderiam aprender com mais facilidade e sentiam-se mais confiantes em relação ao seu aprendizado. Seria na sala 01 ou sala 02?

É importante ressaltar que, levando-se em conta o curto período de experimentação do Ensino Híbrido por esses participantes, se compararmos ao tempo que eles já estão na vida estudantil, seria pouco provável que a adaptação ou aprovação do Ensino Híbrido obtivesse um resultado tão significativo. No entanto, ao propor que eles escolhessem entre sala 1 ou sala 2, nos enveredamos por caminhos obscuros e incertos, pois para o pesquisador nem sempre as hipóteses se confirmam, e, possivelmente é isso que nos motiva. Outro aspecto relevante é que o objetivo desta pesquisadora não era apenas quantificar os estudantes que escolheriam sala 1 ou sala 2, mas também analisar qualitativamente as suas justificativas.

Após quantificar as respostas dos participantes da pesquisa, foi possível perceber que cinco estudantes escolheram a sala 1, justificando que “com a explicação do professor é mais fácil de aprender do que sentar em grupos com os colegas, pois na maioria das vezes, para fazer alguma tarefa em grupo eles utilizam internet e acabam não aprendendo”(estudante A); ou “assim aprendemos mais com os alunos colaborando com o professor” (estudante B); ou ainda “sinto-me mais confiante com o professor explicando” (estudante C). Os estudantes D e E afirmaram que preferem o silêncio por motivos de concentração, o que é muito considerável, pois no EH a atenção nas formas mais elevadas contribui com o trabalho cognitivo, ou seja, aplicação, análise, síntese, significação e avaliação do conhecimento construído.

Não cabe aqui tentar entender as justificativas dos participantes que escolheram a sala 1, com o professor no centro desse processo e os estudantes como receptores, porém, percebe-se que as respostas apontam para jovens possivelmente tímidos, que preferem ouvir as explicações e precisam do silêncio para se concentrarem nos estudos. Ou ainda, a insegurança ou indefinição entre o confronto e a acomodação, neste caso, os estudantes optaram pela última. Dessa forma, respeitam-se as opções dos estudantes, pois as escolhas foram pela experimentação do EH, aliada ao autoconhecimento.

Vivencia-se atualmente um grande desafio na esfera educacional, necessitando ajustes e adequações para superar essas adversidades, como o fato de alguns professores ainda terem dificuldades em inserir as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que ao propor a sala 02, o docente precisa estar aberto à escuta dos estudantes, permitir que

exercem sua autonomia, ter afinidade com os recursos digitais e disponibilidade ao atendimento mais individualizado.

Dentre as múltiplas características necessárias à atividade docente, neste caso, destaca-se a criatividade do professor em conduzir esse processo, que, para alguns a sala 02 pode ser considerada como tumultuada, mas há grandes possibilidades de um aprendizado significativo e surgimento de líderes nos grupos.

A Sala 02, com os estudantes organizados em equipes, trabalhando colaborativamente com o uso das novas tecnologias, discutindo e socializando a temática selecionada, sendo que o professor passa nas equipes para auxiliar na solução das dúvidas foi escolhida por 21 estudantes, cujas justificativas estão representadas na nuvem de palavras a seguir:



Figura 1 – Nuvem de palavras representando o porquê da escolha pela sala 2
<https://www.wordclouds.com/>. Fonte: autoras (2020)

Analisando os resultados da sala número dois, percebe-se que os estudantes podem ter sentido um ambiente favorável à aprendizagem, com uma vivência mais centrada neles, tendo o professor como um mediador e/ou colaborador do processo de ensino. Dessa forma, valoriza-se e estimula a autonomia, tendo em vista que o foco do processo de aprendizagem está centrado nos estudantes e não mais na transmissão de informações que o professor tradicionalmente realiza.

5. ESTABELECENDO UMA ANALOGIA - CONTEXTO DA PESQUISA E CENÁRIO ATUAL

Ao relembrar que os resultados dessa pesquisa foram coletados no final de 2017 e que o mundo estava dentro da sua “normalidade”, com aulas presenciais, todos os estudantes diariamente juntos, sem o distanciamento social que hoje é utilizado como estratégia de contenção do

novo coronavírus, a fim de evitar a ampliação do número de casos da doença Covid-19, faz-se necessário estabelecer uma analogia entre esses dois cenários educacionais.

No início do ano de 2020, o mundo foi pego de surpresa com uma pandemia em virtude dos casos do novo coronavírus e como estratégia para o enfrentamento da Covid-19, em 16 de março de 2020, as atividades educacionais no Tocantins foram suspensas, também como medida de prevenção de contágio e disseminação da doença entre estudantes, servidores e comunidade.

Diante desse contexto, como dar continuidade aos estudos de milhões de crianças, jovens e adultos nesse momento pandêmico? Que estratégias utilizar? Como possibilitar que todos os estudantes tenham acesso à educação formal? Aqui não se pretende responder a tantos questionamentos, apenas analisar as circunstâncias em que a pesquisa foi realizada, traçando um paralelo com o momento atual.

Podemos considerar que as tecnologias digitais da informação e comunicação facilitam bastante esse processo e ampliam as possibilidades de aprendizagem, no entanto, nem todos possuem acesso à internet. Assim, espera-se que cada rede de ensino considere as individualidades dos seus estudantes e apresente uma proposta múltipla que possa atender às particularidades, sem deixar nenhum estudante sem acesso à educação.

Não seria algo difícil se todos tivessem as mesmas oportunidades na vida, bastando atender às necessidades desses estudantes, totalmente tecnológicos, no entanto, suas realidades não são equivalentes, gerando um grande desafio para estados, municípios e instituições educacionais, logo, faz-se necessário o investimento no aprimoramento dos profissionais para atender às novas demandas educacionais.

Uma das possibilidades remete ao Ensino Híbrido, que, com as contribuições das TDIC ao processo de ensino, possibilita que o estudante aja como protagonista do seu aprendizado, permitindo a interatividade e o desenvolvimento da criatividade.

Dentre os inúmeros conceitos de Ensino Híbrido, analisamos o que dizem alguns especialistas, e destacamos como pontos centrais que pelo menos uma parte das atividades seja feita *on-line*, a utilização e organização dos diferentes espaços, bem como o fato de o estudante ser considerado o gerenciador do seu tempo e de suas atividades, que contribuirão para que ele descubra os caminhos para seu aprendizado, favorecendo que se torne um ser responsável, autônomo e questionador.

Tais considerações apontam para a responsabilidade da aprendizagem, que agora é do estudante, ao assumir uma postura mais participativa, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos e, com isso, criando oportunidades para a construção de seu conhecimento. O professor exerce a função de mediador e consultor do aprendiz. E a sala de aula virtual passa a ser o local onde o aprendiz tem a presença do professor e dos colegas, auxiliando-o na resolução de suas tarefas e na ressignificação da informação, de modo que ele possa desenvolver as competências necessárias para viver na sociedade do conhecimento.

No ensino híbrido, mais especificamente no modelo de sala de aula invertida, o estudante tem contato com as informações antes de entrar em sala de aula, sendo que esse contato antecipado apresenta diversos pontos positivos, porque quando estão em sala de aula, contam com o apoio de seus pares e do professor. Uma tendência com o uso pedagógico das tecnologias digitais da informação e comunicação é a produção colaborativa, que favorece a cooperação dos envolvidos no processo, em tempos e locais distintos.

6. CONSIDERAÇÕES

No contexto atual, o ensino médio é considerado uma parte do caminho que as diversas juventudes precisam percorrer, e nessa trajetória há percalços, desafios e expectativas que precisam ser superadas em busca dessa oportunidade de acesso ao ensino superior e/ou ao mercado de trabalho.

Considerando o perfil desses jovens que chegam ao ensino médio visando a uma oportunidade de adquirir conhecimentos que lhes possibilitem uma carreira promissora ou apenas fechar um ciclo, o papel do professor e da escola é fundamental. Nesse contexto, percebe-se que a escola não pode manter-se alheia às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, pois elas contribuem de forma instigante e inovadora com as diversas formas de compartilhar saberes, considerando-se que a inserção das novas tecnologias digitais da informação e comunicação no processo educacional pode resultar em impacto substancial na qualidade do ensino, que atenderá ao perfil desses estudantes, preparando-os para a competitividade existente nos diversos segmentos da vida profissional.

Esta pesquisa se propôs a analisar a visão dos jovens estudantes, frente às novas tecnologias digitais da informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem, concepções educacionais adotadas nas unidades de ensino, bem como compreender o perfil desses jovens, a fim de identificar as metodologias mais adequadas para o ensino médio.

Como inovações metodológicas para o ensino médio discutiu-se sobre o Ensino híbrido na perspectiva da personalização do ensino, cujos resultados foram analisados e contemplados na seção Olhares Estudantis sobre a Experimentação do Ensino Híbrido - um estudo de caso, que nos deram um panorama do que pensam esses jovens e trouxeram indícios da preferência dos participantes da pesquisa pelos modelos de Ensino Híbrido em oposição ao ensino “tradicional”.

Com base nas informações obtidas no estudo e considerando o momento atual, estabeleceu-se uma analogia entre o momento da experimentação do Ensino Híbrido e o tempo atual, e cabe destacar que possivelmente aqueles estudantes que vivenciaram momentos de EH e que participaram desta pesquisa ainda em 2017 conseguiram se desenvolver bem no atual cenário de educação em contexto de pandemia.

7. REFERÊNCIAS

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

BRASIL - CNE. **Diretrizes curriculares do ensino médio**. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Brasília: MEC, 2018. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>

CANNATÁ, VERÔNICA. Quando a inovação na sala de aula passa a ser um projeto de escola. In BACICH, L., TANZI NETO, A., TREVISANI, F. M. Organizadores. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico] - Porto Alegre: Penso, 2015.

CHRISTENSEN, C.M., HORN, M.B., STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos. Traduzido para o Português por Fundação Lemann e Instituto Península, 2013.

CORRÊA, Hugo Emmanuel da Rosa; FIORUCCI Rodolfo; PAIXÃO, Sergio Vale da (Org). **Currículo Inovador: Experiências didáticas no IFPR Jacarezinho**. Curitiba: Editora IFPR, 2018. 228 p.

HORN, Michael B., STAKER, Heather **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação** [recurso eletrônico] / Michael B. Horn, Heather Staker; [tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro; revisão técnica: Adolfo Tanzi Neto, Lilian Bacich]. Porto Alegre: Penso, 2015.

MONTEIRO, Angélica e BARROS, Rita. O blended learning no ensino superior: A percepção dos estudantes. In: MONTEIRO, Angélica et. al. **Blended Learning em Contexto Educativo Perspectivas Teóricas e Práticas de Investigação**. 2. ed. Santo Tirso: De Facto Editores, 2013.

MONTEIRO, A.; MOREIRA A. J. O blended learning e a integração de sujeitos, tecnologias, modelos e estratégias de ensino-aprendizagem. In: MONTEIRO, Angélica et. al. **Blended Learning em Contexto Educativo Perspectivas Teóricas e Práticas de Investigação**. 2. ed. Santo Tirso: De Facto Editores, 2013.

MORAES, M. C. Complexidade e transdisciplinaridade na formação docente. In: MORAES, M. C.; NAVAS, J. M. B. (Org.) **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

MORAN, José Manuel. Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In BACICH, L., TANZI NETO, A., TREVISANI, F. M. Organizadores. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico] - Porto Alegre: Penso, 2015.

SILVA, R. A.; CAMARGO, A. L. A cultura escolar na era digital. O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In BACICH, L., TANZI NETO, A., TREVISANI, F. M. Organizadores. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico] - Porto Alegre: Penso, 2015.

VALENTE, José Armando. Prefácio. In: BACICH, L., TANZI NETO, A., TREVISANI, F. M. Organizadores. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico] - Porto Alegre: Penso, 2015.